

Caminho percorrido

Candido Portinari chegou até mim pelas mãos da Professora Eliana Yunes. Era o ano de 2008 e eu desejava reingressar na pós-graduação, mas me faltava o tema. Em uma conversa em sua casa, Eliana me falou de um projeto que acalentava orientar: as relações do pintor Candido Portinari com os escritores modernistas da primeira hora do movimento, e mais particularmente, o registro dessas trocas na forma de correspondência. Me atraiu de imediato a ideia de ‘xeretar’ a intimidade alheia que todo arquivo de cartas desperta em uma pesquisadora com formação em Jornalismo; porém, pelo mesmo motivo, não fiquei muito à vontade com o contexto literário do tema. A curiosidade, entretanto, falou mais alto e procurei o Professor João Candido Portinari, filho do pintor e fundador do Projeto Portinari, que me encaminhou aos cuidados da pesquisadora Angela Chagas.

Ao entrar em contato com ela, de princípio interessada em trabalhar com as 5.872 cartas catalogadas no acervo, fui apresentada a uma pequena prateleira onde descansavam alguns dos 42 livros – em edições originais – que Portinari havia ilustrado ao longo de 29 anos. A descoberta desse “tesouro” me levou ao recorte inicial do meu projeto: trabalhar sim com a correspondência do pintor, mas com aquela diretamente relacionada ao seu envolvimento com a literatura e o mercado editorial, através de suas ilustrações.

Um dos motivos que justificaram esse primeiro recorte foi o meu grande interesse pela história editorial brasileira. Como profissional atuante no mercado de livros desde 1995, senti – e pude presenciar em minhas atividades profissionais e acadêmicas – uma demanda crescente pela consolidação de um campo de saber que investigasse o universo do livro e unisse dialeticamente suas teorias e práticas. Partindo dessa constatação defendi, no Mestrado em Literatura Brasileira, na PUC, em 2003, a dissertação *Isto e aquilo*, na qual refleti sobre a ‘literatura de entretenimento’ no Brasil e

sua contribuição para a formação dos leitores. Dar continuidade, no Doutorado, à pesquisa do ‘universo do livro’ me faria, portanto, contribuir um pouco mais para a consolidação desse campo.

Partindo dessa premissa organizei, a partir da relação dos livros ilustrados que me foi entregue por Angela Chagas, um catálogo das obras com as quais trabalharia, excluindo dessa lista os livros de não-ficção. Desse catálogo, criei ‘índices’ – por ano, por autor, por correspondência, por editora, por título – e levantamentos quantitativos – número de cartas/ano, de ilustrações/ano, de livros ilustrados/ano – que formaram o *corpus* final, e ao mesmo tempo inicial, deste projeto. É importante ressaltar que o material que eu pretendia pesquisar – incluídos aqui cartas, artigos de periódicos, edições originais, entre outros – estava já digitalizado e catalogado no site do Projeto Portinari, cuja sede se situa no Solar Grandjean de Montigny, no campus da PUC-Rio, num hercúleo trabalho de sua equipe que desde 1977 cuida do acervo do pintor.

Daquelas 42 obras literárias catalogadas pelo Projeto Portinari, optei por trabalhar inicialmente com os textos de prosa e poesia que continham ilustrações de capa ou de miolo. Nesse levantamento, o *corpus* foi reduzido a 30 títulos (21 de literatura brasileira, quatro de literatura estrangeira e duas em língua estrangeira – incluídos dois livros de literatura infantil), sendo que desse total três foram publicados postumamente (através de traduções e de reedição). Esse material serviria para a análise das questões relativas à produção e recepção das obras literárias ilustradas assim como embasaria minha reflexão sobre as problematizações que Portinari traria como artista para a discussão das relações entre literatura e imagem.

Ao investigar quantas dentre as 30 obras ilustradas por Portinari tinham o registro epistolar ativo e/ou passivo, cheguei a 18 títulos – ou seja, 60% do *corpus*. Conforme avançava nas leituras – teóricas e literárias –, decidi que meu projeto deveria se concentrar apenas nos textos em

prosa, que me dariam mais elementos para trabalhar as relações entre a representação verbal e a representação visual. Essa decisão reduziu mais ainda o meu universo: eram agora seis obras apenas, dentre as quais três produzidas para a Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, um empreendimento de Raymundo Ottoni de Castro Maya, que publicou 23 títulos da literatura brasileira entre os anos de 1943 e 1969 em edições de colecionador. Diante dessa significativa redução no número de títulos – e, principalmente, diante da ausência quase total de registro epistolar referente às negociações com autores e editores, ou comentários com amigos e familiares sobre a realização das ilustrações –, passei a questionar se o objeto da tese – a correspondência diretamente relacionada ao envolvimento de Portinari com a literatura e o mercado editorial, através de suas ilustrações – deveria ser mantido...

Abdicar da pesquisa sobre os livros ilustrados por Candido Portinari não foi uma decisão fácil, mas ela havia perdido a sua força diante do desenvolvimento das demais questões abordadas na tese, e passou a desequilibrar sua unidade. O material produzido até então, porém, não será sumariamente “deletado”. Diante de seu ineditismo, pretendo “reciclá-lo” em outro suporte, depois de concluí-lo.

~~BOCA~~

Feita essa ‘correção de rumo’, que reaproximou a tese de sua ideia original – a de investigar as relações de Portinari com os escritores modernistas da primeira hora do movimento, e mais particularmente, o registro dessas trocas na forma de correspondência –, me propus, então, a analisar a construção autobiográfica do artista através de sua correspondência, seu ‘diário’, seu poema autobiográfico e seus autorretratos. Nessa perspectiva das *representações do eu* – e partindo do significado etimológico da palavra retrato, derivada do latim *re-traho* (re-traçar) –, busquei traçar o retrato do *homem* por trás da máscara do *pintor*, ‘retrato’ sendo assumido aqui como a ideia de *repetição* do

objeto representado. O aporte teórico que fundamentou primordialmente este trabalho foram as reflexões do crítico e teórico francês Philippe Lejeune sobre a autobiografia, presentes em seu livro *O pacto autobiográfico*.

Quanto ao desenvolvimento da tese iniciei, no **Capítulo 1. O moderno Candido Portinari**, por investigar – motivada pelas indagações sobre o descentramento do movimento modernista provocadas pela disciplina de Doutorado ‘Literatura e cultura contemporâneas’, ministrada pelo professor Renato Cordeiro Gomes – a versão carioca desse cenário artístico, tendo Portinari como sua figura central. Para esse fim, busquei identificar o lugar que o pintor ocupou como artista e intelectual nas décadas de 20 e 30 do século XX ao pesquisar, em **1.1 Portinari é notícia**, a representação da identidade moderna brasileira nas artes plásticas pela imprensa carioca, particularmente através de artigos de jornais e revistas que opinaram criticamente sobre o trabalho do pintor. A metodologia empregada foi a seleção de fontes primárias publicadas entre 1923 – ano em que Portinari é citado pela primeira vez na imprensa em decorrência da XXX Exposição Geral de Belas Artes – e 1931 – quando retorna ao Brasil de seu Prêmio de Viagem, às vésperas de conhecer Mário de Andrade, ‘Papa’ do movimento modernista paulistano. O pano de fundo para discutir a recepção da imprensa carioca ao pintor foram as manifestações modernistas na Escola de Belas Artes presentes nas exposições realizadas pela instituição.

Já no subcapítulo **1.2 Notícias de si**, apresentei o autorretrato intelectual de Portinari através de suas reflexões e teorizações sobre as artes plásticas no exterior e no Brasil, assim como sobre sua própria arte. A metodologia empregada foi a mesma do *subcapítulo 1.1*: a seleção de fontes primárias arquivadas no Projeto Portinari e publicadas entre 1925 – ano em que Portinari dá sua primeira entrevista ao *Jornal do Brasil* em decorrência do III Salão da Primavera – e 1929 – quando embarca para a Europa e descobre o

caminho definitivo de sua arte, encontro registrado na “Carta do Palaninho”, de julho de 1930.

A investigação sobre as *escritas de si* produzidas pelo pintor, que se inicia no **Capítulo 2. Portinari autobiógrafo**, também foi desenvolvida ao longo do Doutorado. No curso do Prof. Júlio Diniz, ‘Mário e Oswald: devoção/devoração’, a problematização das distintas interpretações do Brasil a partir da crítica cultural feita por Mário de Andrade, assim como a leitura de suas cartas com diversos personagens, me aproximaram da correspondência de Portinari com o escritor. A existência de um grande acervo epistolar comum a ambos – e o acesso pelas mãos do Professor João Candido Portinari às cartas inéditas remetidas por seu pai a Mário de Andrade ao longo de quase dez anos de intensa relação – me levou a investigar as trocas intelectuais e afetivas entre esses dois expoentes do modernismo brasileiro nas 122 cartas escritas por Portinari e Mário (62 do pintor para o escritor e 60 do escritor para o pintor). Essa pesquisa compõe o **subcapítulo 2.1 Amizade correspondida**.

Ainda no **Capítulo 2**, ao cursar a disciplina ‘Memorialismo, biografia e epistolografia na literatura brasileira’, ministrada pela Profa. Pina Coco, decidi analisar, a partir da discussão de Philippe Lejeune sobre a autobiografia, dois textos de Portinari: mais de uma centena de páginas onde o pintor narra “retalhos” de sua infância e um longo poema onde desfilam suas memórias. O trabalho final para essa disciplina é a base do **subcapítulo 2.2 Portinari nas entrelinhas**. Tanto o texto do ‘diário’ quanto o do poema encontram-se nos **Anexos 1 e 2**.

Já a disciplina ‘Escritas de si’, das professoras Heidrun Olinto e Daniela Versiani – onde as provocações sobre a ficcionalidade da autorrepresentação escrita suscitaram em mim indagações sobre se essa ficcionalidade estaria presente também nos sete autorretratos pintados por Portinari – serviu de estímulo para a escrita do **Capítulo 3. Uma autobiografia em imagens**, composto por: **3.1 – Uma**

história do autorretrato; onde traço um panorama da história do autorretrato desde o Renascimento; **3.2** – *O retrato na pintura brasileira*, no qual apresento o percurso do retrato pictórico no Brasil a partir da instituição da Academia Imperial de Belas Artes; **3.3** – *Os retratos de Portinari*; onde exponho a produção do artista no gênero entre os anos de 1923 a 1928; e **3.4** – *O autorretrato como autobiografia*, onde cogito se as autoimagens de Portinari comporiam um percurso autobiográfico, realizando, com esse fim, em **3.4.1**, um *exercício de leitura* dos sete autorretratos a óleo pintados pelo artista.



Antes de passar à tese, cumpre assinalar que os trechos dos artigos jornalísticos, das cartas e demais textos inseridos no corpo deste trabalho tiveram sua grafia atualizada pelo Acordo Ortográfico de 1990, em vigor no Brasil desde 2009. A exceção foi feita à transcrição das cartas de Mário de Andrade, das quais foram conservadas – na medida do possível – sua ortografia e acentuação peculiares, marcas do estilo do escritor. A grafia do nome do pintor também foi padronizada, uma vez que em muitos documentos – artigos de periódicos, livros, reproduções de cartas – seu nome foi grafado de duas maneiras: Candido e Candido. Confirmada com seu filho, a grafia correta é sem o acento circunflexo na letra “a”.